

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
19 e 24 de Março de 2025

MISSION TO MOSCOW / 1943

Um filme de Michael Curtiz

Realização: Michael Curtiz / **Argumento:** Howard Koch, baseado no livro de Joseph E. Davies / **Fotografia:** Bert Glennon / **Sequências de montagens:** Donald Siegel, James Leicester / **Montagem:** Owen Marks / **Música:** Max Steiner / **Danças:** LeRoy Prinz / **Assistente de Realização:** Frank Heath / **Intérpretes:** Walter Huston (Joseph E. Davies), Ann Harding (Sra. Davies), Oscar Homolke (Litvinov), George Tobias (Freddie), Gene Lockhart (Molotov), Frieda Inescort (Madame Molotov), Eleonor Parker (Emlen Davies), Richard Travis (Paul), Helmut Dantine (Major Kamenev), Victor Francen (Byshinsky), Henry Daniell (Ministro Von Ribbentrop), Barbara Everets (Sra. Litvinov), Dudley Field Malone (Churchill), Roman Bohnen (Kretinsky), Maria Palmer (Tanya Litvinov), Moroni Olsen (Coronel Faymonville), Minor Watson (Loy Henderson), Vladimir Sokoloff (Kalinin), Maurice Schwartz (Dr. Botkin), Jeroae Cowan (Spendler), Konstantin Shane (Bukharine), Mannart Kippen (Staline), Kathleen Lockhart (Lady Chilston), Kurt Katch (Tomoshenko), Felix Basch (Dr. Hjalmar Schact), Frank Puglia (Juiz Uirich), John Abbott (Grinko), Charles Trowbridge (Secretário Cordell Hult), Leigh Whipper (Hailé Selassié), George Renevant (Paul Van Zeeland), Clive Morgan (Anthony Eden), Alex Chirva (Pierre Laval), Doris Lloyd (Sra. Churchill). E também: Olaf Hytten, Art Gilmore, Don Clayton, George Sorel, Duncan Renaldo, Mino Bellini, Ferd Schuman-Heinck, Rolf Lindau, Peter Michael, George Davis, Jean Del Val, Emory Parnell, Pat O'Malley, Mark Strong, Albert D'Arno, Rudolph Steinbeck, Gino Corrado, Glen Strange, Oliver Cross, Ray Walker, Capitão Jack Young, Ernet Hauserman, Frank Faylen, Joseph Creban, Ross Ford, Warren Douglas, Barbara Brown, Isabel Withers, George Lossey, Wallis Clark, Hans Schumm, Dr. Ernest Golm, Henry Victor, Louis Arvo, Alfred Ziesler, Richard Ryen, Erwin Kaiser, Pierre Walkia, Edward San Sloan, Esther Zeltlin, Nina Blagoi, Tanya Somova, Nikolai Celikhovsky, Michael Visaroff, Nick Kobliansky, Gabriel Lenoff, Alex Akiamoff, Sam Savitsky, George Glebeff, Mike Tulligan, Adia Kutnetzoff, Dimitris Alexis, Henry Guttman, Robert Balkoff, Mischa Westfall, Elizabeth Archer (Scherbachova), Rosa Margot, Velya Terry, Sandor Szabo, Virginia Christine, Ivan Tressault, Daniel Ocko, David Hoffman, Lumsden Hare, Peter Goo Chong, Robert C. Fisher, Charles La Torre, Alex Caze (René Plessetty), Frank Reicher, Leonid Snegoff, Edgar Licho, Marie Melesch, Michael Mark, Martin Noble, Lee Tung Foo, Victor Wong, Luke Chan, Allen Jung, John Dilson, Jean de Briac, George Sorel, Ted E. Jacques, Billie Louis, Loulette Sablon, Marian Lessing, Joan Winfield, Tina Menard, Peggy Watts, Irene Pedrini, Louis Jean Heyt, John Hamilton, Frank Ferguson, Bill Kennedy, William Farrest, Alex Melesch, Marek Windhem, Ivan Lebedeff, Gregory Golubeff, Jack Gardner, Sam Goldenberg, Egon Brecher, Zina Torchina, Vera Richkova, Jean Wong, Irina Senmochenko, Christine Gordon, Alexander Granach, Mischa Westfall, Joseph Kamaryt, Baronesa Yvonne Hendricks, Tamara Shayne, Olga Uljanowskaia, Patricia Fung, Igorde Navrotsky, Doris Lloyd, James Flavin, William B. Davidson, Herbert Hayes, George Carlton, Charles Trowbridge, Francis Pierlot, Forbes Murray, Edward Keane, William Gould, Harry Cording, Zola Karabanova, Betty Roadman, Hooper Atchley, Eugene Eberly, Arthur Loft, Alec Campbell, Mike Mazurki, Nico Romoff, Noel Cravat, Tom Tully, Lionel Royce, Emile Ramesu, Eugene Borden, Feodor Chaliapin, John Maxwell, Jacqueline Dalva, Herbert Ashley, Oliver Prickett, Monte Blue, Frank Penny, Ernie Adams, Eddie Kane, Eddie Cobb, Howard Mitchell, Frank Wayne, Jack Kenny, Ben Erway, Mauritz Hugo, Gene Gary, Frank Jacquet, Fred Essler, John Wenglaf, Robert Shayne, Michel Panaieff, Lily Norwood, Cyd Charisse.

Produção: Robert Buckner para a Warner Brothers / **Cópia:** do Arsenal (Berlim), 16 mm

(transcrito do original em 35 mm), versão original com legendas em alemão e legendagem eletrônica em português / **Duração:** 117 minutos / **Estreia Mundial:** Washington, 28 de Abril de 1943 / Inédito em Portugal / primeira apresentação na Cinemateca: 16 de Setembro de 1989, no âmbito do ciclo "O Cinema e a Guerra".

AVISO: a cópia – única disponível – apresenta deficiências de som, nomeadamente ruído de fundo. Pelo facto as nossas desculpas.

Eis chegada a altura de se conhecer o mais controverso filme da história da Warner Brothers e, possivelmente, de toda a história do cinema americano. Louvores e vilipêndios, conforme o tempo em que foi visto, marcam o culminar do ano de ouro de Michael Curtiz ao serviço da Warner Brothers e de toda a sua carreira tanto em termos de quantidade como de qualidade, todos eles exibidos neste ciclo (**Doodle Dandy, Casablanca, This is the Army, Mission...**). A controvérsia veio logo aquando da sua estreia, mas foi só quatro anos mais tarde, quando começaram as inquirições do Comité de Actividades Anti-americanas, que a castanha rebentou na boca de Jack Warner, "one of the few films Jack Warner wished he had never made" (Clive Hirschhorn na sua *The Warner Brothers Story*). No interrogatório a que foi sujeito pela comissão justificava-se afirmando que "this picture was made only to help a desperate war effort and not for posterity", negando, então a cooperação e pressão do governo, e o desejo expresso pelo defunto presidente Roosevelt para levar a cabo a sua produção. Mais tarde, porém, na sua autobiografia diria o contrário, que a adaptação do relatório do ex-embaixador dos EUA na URSS, Joseph H. Davies, teria sido sugerida pelo próprio Roosevelt como propaganda e apoio a Staline, então o aliado na guerra contra a Alemanha, pondo-lhe na boca a frase "We simply can't lose Russia at this stage". Das reacções agressivas que o filme suscitou na sua estreia destaca-se a campanha da cadeia de jornais de William Randolph Hearst que, segundo Otto Friedrich na sua *City of Nets* o denunciou por mostrar apenas o lado comunista. Haveria razão para tanto escarcéu? No fim de contas, no que se refere a este "lado", como nota Marc Ferro, "a representação da URSS limita-se a algumas cenas edificantes que aludem à mecanização da agricultura, a espectacular transformação dos tractores em carros de combate e a emancipação social da mulher". Talvez se explique porque, ao contrário dos outros filmes que os americanos fizeram na mesma altura sobre o seu aliado de ocasião (**The North Star** e **Song of Russia**, a romântica e musical colaboração da MGM dirigida por Gregory Ratoff), o seu estilo era o de documentário em bruto sem as divagações irrealistas dos outros, a que a montagem de actualidades que acompanha os esforços de Davies (novo trabalho de Donald Siegel depois de **This is the Army**) procura conferir autenticidade, indo buscar, inclusive, alguns planos de **Triumph des Willems** de Leni Riefenstahl. Depois de o considerar um "powerful historical document" a *Variety* refere-se a **Mission to Moscow** como "Hollywood's initial effort at living history". Efectivamente, deste ponto de vista, até com as suas contrafacções impostas pela lógica do filme de propaganda (que efectivamente é), esta obra de Michael Curtiz pode considerar-se como um antepassado do que hoje se chama o "docu-drama" e daquelas séries televisivas de biografias de personalidades contemporâneas. Mas a forma de construção do filme é a de uma narrativa ficcional clássica. O que surpreende desde logo é a facilidade com que Curtiz ultrapassa a barragem de artilharia pesada constituída pelos diálogos e a voz off, tanto mais que o filme não tem praticamente acção. **Mission to Moscow** possui uma dinâmica interior que lhe dá um movimento de tensão permanente que resulta do método de Curtiz a que me referi na folha de **This is the Army**: a montagem rápida, o encadeamento dos planos em que cada um depende do outro, a sua brevidade e aqueles rápidos movimentos de câmara que vão directos ao objectivo forçando a atenção do espectador. O diálogo torna-se, deste forma, como em **Casablanca**, o motor dramático deste movimento.

Um dos momentos mais controversos do filme é o dos processos de Moscovo. O que hoje se

sabe ter sido um pretexto para Staline esmagar toda a oposição interna é apresentado como se saísse de uma cartilha do Partido expondo as razões oficiais que vigoraram ainda durante muitos anos. As sequências do julgamento sublinham a confissão de Bukarine de que se tratava de uma conspiração para derrubar o governo com o apoio da Alemanha nazi e do Japão, o que provocou os protestos dos trozkistas que recentemente tinham ficado sem o líder, executado por ordem de Staline. Um grupo de intelectuais americanos atacou vigorosamente o filme, secundando as palavras de John Haynes Holmes: "As history it is a lie, as propaganda it is a scandal of the first order". Em contrapartida outros intelectuais, entre eles Walter Duranty, Theodore Dreiser e Fritz Mahler, denunciavam os ataques que o filme sofria como "a distinct disservice to the cause of American-Soviet unity during the war and afterward", considerando que se tratava mais do que um filme, e eis um gesto de amizade internacional levado a cabo no momento mais crucial da história Americana, "With the highly laudable and important object of promoting trust instead of distrust in the Soviet Union", um país que, como ao mesmo tempo diria Clifford Odets era "long maligned and disgracefully minimized in our press and cinema".

Mission to Moscow tinha um objectivo preciso: lavar a imagem que desde 1917 era a da URSS nos Estados Unidos, dada a aliança a que a guerra os obrigara, e num momento em que o preço dos combates na Europa estava praticamente a ser pago nos campos de batalha de Leste e Staline apontava para a necessidade de abertura de uma nova frente na Europa que só no ano seguinte ao do filme seria aberta. É mais que natural que o governo americano apoiasse, se não oficialmente pelo menos na sombra, a produção de um filme que levasse a opinião pública a encarar a necessidade de apoiar energicamente os aliados.

Joseph Davies envolveu-se a fundo na produção impondo mesmo a substituição de actores quando eles não dessem uma imagem simpática dos dirigentes soviéticos. Foi o caso de Gene Lockhart que interpretava o papel de Litvinov, que foi substituído e filmadas de novo as suas sequências agora com Oscar Homolka. E se Davies não conseguiu interpretar o filme como parece ter desejado, reservou-se o lugar de apresentador, num longo discurso a abrir o filme onde define a sua posição perante a URSS depois de lá ter permanecido dois anos como Embaixador, afirmando depois da profissão de fé no modo de vida americano e na sua forma de governo, manifesta o respeito pela URSS e a necessidade do seu apoio para a conquista da paz de momento e no futuro. E termina agradecendo aos irmãos Warner, "those patriotic citizens" aos seus técnicos e artistas o filme que fizeram. No interrogatório a que quatro anos depois Warner foi submetido pela já referida Comissão, foi afirmado que **Mission to Moscow** fora exibido em Moscovo perante Staline. Não se fala contudo das gargalhadas que o filme terá provocado (segundo algumas fontes) entre os espectadores soviéticos que o viram, alguns aspectos que o filme apresenta como da vida no seu país.

Seja como for, para lá de todas as polémicas a que tenha dado origem, o filme surge hoje, essencialmente como uma peça de propaganda cuja eficácia, ao tempo, se afigura irrecusável. Para tal contribui aquele "estilo" Warner a que o cinema de Michael Curtiz de adaptou de forma perfeita, e também a legítima curiosidade de se ver representadas uma série de personalidades históricas contemporâneas à luz dos acontecimentos que ainda se viviam.

A terminar esta "folha" que já vai longa e onde ainda tanto ficou por referir, queria chamar a atenção em particular para os cinéfilos. Reparem na sequência do ballet a que Davies e outras personalidades assistem, e fixem a bailarina. Não a reconhecem! Que diabo! São as pernas mais bonitas e inconfundíveis do cinema musical.

Manuel Cintra Ferreira